

COORDENAÇÃO DE  
MARJANE SATRAPI

MULHER  
VIDA  
LIBERDADE



IGUANA

A 16 de setembro de 2022, Mahsa Amini morria no Irão, espancada pela polícia dos costumes porque trazia o véu mal colocado. A sua morte suscitou uma vaga de protestos em todo o país. Essa vaga transformou-se numa revolução feminista, apoiada pelos homens. Uma estreia mundial!

Sophie, a alma da editora L'Iconoclaste e minha querida amiga, queria agir a qualquer preço, não se contentando com o facto de se sentir ultrajada e indignada; desejava fazer algo de concreto por esta juventude iraniana que a sensibilizava tanto. A ideia deste livro é sua. Decidiu que a primeira novela gráfica da sua editora se chamaria *Mulher, Vida, Liberdade*.

Começámos a trabalhar com Alba Beccaria, a editora desta obra, no conteúdo e na forma. Precisávamos de gente que conhecesse o Irão. Farid Vahid, politólogo, especialista no Irão da Fundação Jean-Jaurès; Jean-Pierre Perrin, durante muito tempo repórter do *Libération* e atual colaborador do Mediapart; e, por fim, o professor Abbas Milani, historiador e diretor de Estudos Iranianos na Universidade de Stanford, impuseram-se como escolhas naturais. De seguida, contactámos cerca de vinte ilustradores cujo trabalho apreciava e que aceitaram fazer bandas desenhadas ou ilustrações a partir dos textos ou dos argumentos preparados pelos nossos especialistas. Escolhemos quatro ilustradores iranianos e treze outros europeus e americanos.

Eu, que me despedira da minha carreira de autora de banda desenhada em 2004, fiz alguns desenhos, a capa e alguns textos.

Não sabia o que significava coordenar um livro, e continuo sem o saber, mas sei que trabalhámos todos juntos.

O resultado é esta obra que tem entre mãos. Será publicada em simultâneo em vários países e estará acessível gratuitamente online em persa para os iranianos.

Este livro tem duas intenções.

A primeira consiste em explicar o que se passa no Irão, descodificar os acontecimentos na sua complexidade e nas suas *nuances* para um público não iraniano, dá-los a conhecer o melhor que conseguimos, mesmo que seja impossível explicar todas as facetas desta história. Porque está a acontecer. Mesmo que não se fale dela o suficiente.

A segunda intenção deste livro é a de lançar um sinal aos iranianos para os lembrar de que não estão sozinhos. É verdade que os políticos do mundo inteiro mais não são do que políticos, é verdade que nada farão pelo povo iraniano, mas a sociedade civil no Ocidente, essa, está empenhada em trabalhar ao lado dele. Prova disso é que a maior parte dos artistas que participaram neste projeto é ocidental. Que maior apoio haverá por parte de um artista do que a sua arte?

Pelo primeiro aniversário da morte de Mahsa Amini, pelo combate nobre e corajoso do povo iraniano e em memória da Sophie, que nos deixou no fim da primavera, partilhamos com o leitor este nosso humilde contributo pela liberdade que os iranianos tanto merecem.

**Marjane Satrapi**

# ÍNDICE

10

## UMA HISTÓRIA PERSA DO BEM E DO MAL

Marjane Satrapi & Abbas Milani

Não se trata de uma erupção inesperada, mas sim de uma convulsão assinalável na longa história das mulheres a afirmarem os seus direitos, e é certo que prosseguirá.

16

## 1. OS ACONTECIMENTOS

18

### A CENTELHA DA REVOLTA

Bahareh Akrami & Farid Vahid

O homicídio de uma jovem iraniana a 16 de setembro de 2022 em Teerão em virtude de um véu «mal posto» desencadeia um movimento revolucionário inédito em todo o país. Mas quem era Mahsa Amini? Como foi ela morta? Por que motivo este acontecimento deu origem a tanta emoção?

30

### O HINO DA REVOLTA

Shabnam Adiban & Farid Vahid

Composta a partir de *tweets* de contestação, a canção *Barâye* tornou-se o hino da revolta e foi ouvida em todo o mundo. Farid Vahid decifra cada estrofe em conjunto com as ilustrações da artista iraniana Shabnam Adiban, cuja animação correu o mundo.

26

### O NASCIMENTO DE UM SLOGAN

Catel & Jean-Pierre Perrin

O *slogan* «Mulher, Vida, Liberdade» é desde logo assumido pela multidão em manifestações sem precedentes, que a repressão governamental não consegue sufocar. No estrangeiro, é proferido em todas as línguas locais e exibido em encontros de solidariedade. De onde vem este grito? Como se tornou a palavra de ordem desta revolta?

46

### UMA MANIFESTAÇÃO NO IRÃO

Pascal Rabaté & Jean-Pierre Perrin

Para tentar escapar à repressão, e estando todos os ajuntamentos ou multidões proibidos, os manifestantes aprimoraram técnicas para se juntar, manifestar e ludibriar a Polícia.

54

## NO INFERNO DA PRISÃO DE EVIN

*Mana Neyestani & Farid Vahid*

Nas colinas de Teerão, manifestantes, artistas e presos políticos encontram-se detidos na prisão de Evin, com uma reputação sinistra, espelho do horror do regime. Em diversas celas, que escapam a qualquer controlo, são alvo de humilhações, violações e torturas até aceitarem assinar falsas confissões.

68

## REVOLTAR-SE AOS VINTE ANOS

*Paco Roca & Farid Vahid*

A revolta é levada a cabo pela geração mais jovem, que organiza grandes manifestações nos estabelecimentos universitários e escolares. Apesar das coações e da crueldade do regime, a juventude iraniana, ultraconectada e progressista, é a vanguarda do combate pela liberdade e pela democracia.

84

## RAPARIGAS DE ESCOLA ENVENENADAS

*Bee & Farid Vahid*

Milhares de alunas em centenas de estabelecimentos por todo o Irão foram vítimas de envenenamento com gás desde novembro de 2022. Ainda não se sabe quem foram os autores destas intoxicações. Suspeita-se que as autoridades queriam instalar um clima de medo para sufocar o movimento de contestação.

64

## SEXTA-FEIRA NEGRA

*Winshluss & Jean-Pierre Perrin*

A 6 de outubro de 2022, em Zahedan, uma manifestação inicia-se à saída da oração e descamba. Embora não houvessem sido ameaçadas, as forças da Polícia decidem disparar balas reais. Uma centena de iranianos cai alvejada: manifestantes, mas também fiéis, que saíam da mesquita, ou até meros transeuntes, entre os quais diversas crianças...

76

## O INVERNO DAS EXECUÇÕES

*Touka Neyestani & Jean-Pierre Perrin*

Mohsen Shekari, Majidreza Rahnavard e Mohammad Hosseini foram executados no âmbito da sua participação no movimento de contestação. Foram condenados à pena capital depois de processos simulados e fabricados a partir de confissões obtidas sob tortura e de provas fraudulentas.

90

## ELES ESTÃO A OBSERVAR-VOS

*Mana Neyestani & Farid Vahid*

Colocados sob escuta, filmados, fotografados, seguidos, ameaçados, os iranianos estão constantemente sob a pressão das autoridades. Esta guerra orwelliana utiliza a tecnologia e métodos de manipulação sofisticados.

## 2. UM POUCO DE HISTÓRIA

104

### AS TRÊS REVOLUÇÕES

*Hamoun & Abbas Milani*

No decurso do último século, os iranianos viveram (pelo menos) três revoluções e outras tantas mudanças políticas de monta.

O murmúrio tranquilo e determinado de cada gesto de desafio no Irão parece dizer: «Nós venceremos.»

120

### QUEM GOVERNA O IRÃO?

*Touka Neyestani & Jean-Pierre Perrin*

Quem é Khamenei, o líder supremo?

Quais são os seus poderes? Que poderes ainda detém o presidente? Quais são as diferentes formas de polícia? Que papéis desempenham?

O que é a polícia dos costumes?

138

### AS CRIANÇAS DE OURO DO REGIME

*Patricia Bolaños & Farid Vahid*

Formou-se uma oligarquia: é-lhe fornecida proteção económica em troca do seu apoio político. Certos oligarcas — ou respetiva família — levam, contudo, uma vida contrária a todas as leis impostas pelo regime...

110

### NOROUZ EM FAMÍLIA

*Hippolyte & Farid Vahid*

Uma família reúne-se para o Norouz, a maior festa nacional iraniana. Através das conversas, sentimos todo o peso da história: as consequências da queda do xá e da guerra Irão-Iraque, as dificuldades relacionadas com a inflação, os debates sobre a utilização do véu e o endurecimento das regras no decurso destes quarenta anos.

134

### TEMIDOS E ODIADOS

*Marjane Satrapi*

Os Guardiães da Revolução são conhecidos dos iranianos pelos horrores e pela corrupção por que os obrigam a passar há quarenta anos. São o braço armado do regime, a força que lhe permite manter-se no poder.

150

### A LOUCURA DA CENSURA

*Lewis Trondheim & Jean-Pierre Perrin*

Crónicas divertidas e trágicas, por vezes as duas coisas em simultâneo, histórias de censura desde a queda do xá.

158

### O DIÁLOGO DOS MORTOS

*Paco Roca & Jean-Pierre Perrin*

Situado no sul de Teerão, o cemitério de Behesht-e Zahra, que significa «Paraíso de Zahra», é o maior do Irão. Os iranianos cuidam dos túmulos dos seus familiares com poemas, flores e decorações, e gostam de lá estar, de velar e até de fazer um piquenique junto dos seus mortos. Paco Roca imagina um diálogo poético entre os mártires da guerra do Irão-Iraque e os manifestantes de «Mulher, Vida, Liberdade» no que respeita ao sentido do seu combate.

# UM REGIME FÉRREO... UM POVO QUE RESISTE

168

## ROSTOS PARA A POSTERIDADE

Bahareh Akrami &amp; Farid Vahid

As manifestações no Irão abarcam todas as regiões do país, todas as classes sociais: as mulheres, os homens, os jovens, os menos jovens, os urbanos e os rurais expressam a sua raiva...

188

## A FESTA DE TODOS OS PERIGOS

Shabnam Adiban &amp; Farid Vahid

Os dois autores deitam por terra preconceitos acerca do seu país. Ficamos a saber, por exemplo, que ao cabo de quarenta anos de República Islâmica os iranianos nunca foram tão pouco crentes como agora.

206

## DOMÍNIO EXCLUSIVO

Coco &amp; Jean-Pierre Perrin

A República Islâmica proíbe as mulheres de praticarem desporto, mas também de assistirem a eventos desportivos. Isso, porém, não impede as iranianas de afrontarem essa proibição: disfarçando-se de homens para ir apoiar a sua equipa de futebol no estádio ou ainda, mais recentemente, participando sem véu em competições desportivas.

178

## NO CORAÇÃO DA DIÁSPORA

Bee &amp; Farid Vahid

A diáspora iraniana bate-se para dar a conhecer o que se passa e levar a opinião pública, assim como as autoridades ocidentais, a reagir. Viver este movimento a partir do exterior suscita inúmeras perguntas e debates: há quem se sinta tão culpado de ter partido que fique doente, há quem não ouse proferir alto a sua opinião com medo de não poder regressar ao seu país, etc.

198

## A ARTE DA REVOLTA

Deloupy &amp; Farid Vahid

Viver sozinha, fazer *jogging*, maquilhar-se, passar verniz nas unhas, ter um *piercing*, tatuagens, usar um lenço, mas deixando cabelos à mostra, ou nem sequer usar lenço, trabalhar, cantar, namoriscar... Todos estes pequenos gestos anódinos, mas perigosos no Irão, «são as gotas que fazem o mar» (provérbio persa).

222

## ELAS DIZEM NÃO

Nicolas Wild &amp; Jean-Pierre Perrin

As advogadas militantes Nasrin Sotoudeh e Narges Mohammadi são provavelmente os mais belos símbolos da dissidência iraniana. Mediante a sua história e a dos seus combates, os autores delineiam a história da legislação relativa à utilização do véu desde o nascimento da ditadura religiosa.

230

## E DEPOIS?...

Debate ilustrado por Joann Sfar entre Marjane Satrapi, Farid Vahid, Jean-Pierre Perrin e o professor Abbas Milani

# UMA HISTÓRIA PERSA DO BEM E DO MAL

Marjane Satrapi & Abbas Milani

É necessário um certo desconhecimento da História para comparar movimentos inspiradores e poderosos como o de «Mulher, Vida, Liberdade» no Irão a explosões sociais súbitas. James Joyce tinha decerto razão quando declarava que «a História é um pesadelo do qual procuramos acordar». Para as iranianas, à semelhança do que acontece com as mulheres do mundo, este pesadelo é agravado pela misoginia e a visão falocêntrica da História. No Irão, como em todo o lado, as mulheres lutam não só para se libertarem elas próprias, mas também para ajudarem os homens a escapar da casa-prisão engendrada pelo seu chauvinismo.

Diz-se que os mitos são os espelhos de uma nação. Alguns deles adulam guerreiros, outros padres. A mito-história iraniana está repleta de mulheres libertas e libertadoras.



Tudo começou com Anahita, fonte divina da luz e do logos, da água e da fertilidade. Segue-se a epopeia *Shahnameh*<sup>1</sup>, da autoria de Ferdowsi, um livro conhecido no mundo inteiro. Menos conhecido é o facto de a musa do poeta ter sido uma erudita conhecedora de vinhos, que encorajava o amante a escrever. Muitas são as pessoas que conhecem Rostam e

Sohrab, o pai e o filho heróis de *Shahnameh*. Poucos, porém,

sabem ou se lembram de que Tahmineh, a mãe de Sohrab, era filha de um rei: quando o célebre Rostam, uma espécie de Hércules, chegou à cidade, queixando-se de ter perdido o cavalo, Tahmineh entrou-lhe no quarto em plena noite e acordou-o; nove meses depois, daria à luz

o filho de ambos. Chamou-lhe Sohrab. Rostam, pai ausente, conhecia bem as mulheres libertas, que se afirmam





Pourandokht

e assumem sem complexos. A sua mãe era Roudabeh; quando se apaixonara por Zâl, esta fora mais audaciosa do que Julieta. Servira-se das tranças como corda para que o amante subisse ao seu quarto em segredo, ao abrigo dos olhares indiscretos. Consumaram o seu amor e, nove meses depois, nascia Rostam.

**D**o espelho dos mitos às realidades da História, existe uma longa linhagem destas mulheres seguras de si. Aquando das invasões árabes, o Irão era governado pela imperatriz Pourandokht, uma mulher inteligente, astuta, diplomata e determinada a alcançar os seus objetivos. Quando Mohammad, o profeta da nova religião islâmica na Arábia, ouviu falar dela, terá dito: «Infeliz o país governado por mulheres.» Pourandokht, porém, não foi a única mulher a sentar-se no trono nem a ter as rédeas do poder.

O poder e a poesia não são os únicos polos de interesse das mulheres no Irão. No século XII, um dos principais observatórios do mundo encontrava-se na cidade de Maragha, no noroeste do país. Era dirigido por uma mulher.

Um milénio depois, as mulheres vão ao espaço, lutando pela igualdade. Ao mesmo tempo que tinha lugar a Seneca Falls — ponto de partida do movimento feminista, pelo menos do movimento feminista branco nos Estados Unidos —, no Irão, na cidade de Badasht, em 1848, uma mulher erudita, versada na poesia e na teologia, mas que se convertera à nova fé Babi, proferiu um sermão sem o véu. Tratava-se de Fatemeh Baraghâni, conhecida como Tahereh<sup>2</sup>. Essa visão é tão perturbadora para os homens que um deles se lançou sobre o púlpito para lhe cravar uma faca na garganta enquanto um outro tentava matar-se! O monarca libidinoso da época, Nasser-eldin-Chah, que começou por cobiçar Fatemeh Baraghâni, sentiu-se ameaçado perante semelhante bravura e deixou de a desejar. Ordenou a sua execução. Ela foi, por conseguinte, asfixiada, uma forma de execução reservada às mulheres que ousam falar.

Entre os inúmeros filhos de Nasser-eldin-Chah, contava-se Taj-al Saltaneh<sup>3</sup>. Casou-se aos nove anos, mas resistiu

e conseguiu fugir àquele casamento forçado e precoce; estava disposta a abandonar qualquer lórpa que fosse forçada a conhecer e com quem tivesse de casar. Escreveu as suas Memórias, de uma franqueza irreverente, nas quais denunciou uma miríade de absurdos da vida na corte, defendendo os direitos das mulheres e as ideias democráticas da Revolução constitucional (1905-1911). Naturalmente, foi acusada de ser «histérica», o último recurso dos crápulas com medo das mulheres libertas.

Fatemeh Baraghâni-Tahereh



**A**s mulheres tiveram um papel ativo, amiúde mal conhecido, no decurso dessa revolução. Quando o novo parlamento hesitou no que respeitava a defender as liberdades adquiridas, as mulheres tomaram-no de assalto — com armas por debaixo dos *hijabs*. Exigiram que os homens atuassem em moldes mais corajosos. Uma outra figura ainda mais extraordinária dessa época é Bibi Maryam Bakhtiari, também conhecida como Sardar<sup>4</sup> Maryam Bakhtiari. Nascida na tribo nómada Bakhtiari, organizou o seu próprio grupo de combatentes — pese embora a oposição feroz do seu marido e de outros homens da tribo —, conduziu-o a Teerão e ajudou a salvar a revolução perante uma aliança reacionária do clero, da Rússia e de elementos residuais do despotismo régio. As suas Memórias constituem um testemunho de uma vida pouco vulgar e da sua luta pela democracia e pela igualdade de direitos.

Sedigheh Dowlatabadi, uma outra pioneira e militante desta revolução, criou e publicou em 1919 a revista feminina a que chamou ironicamente *Zaban-e Zanan* («A Língua das Mulheres»). Dizer de uma mulher que tinha a língua afiada era uma expressão pejorativa frequentemente utilizada em relação a mulheres libertas e que se afirmavam. Ora, estas mulheres de língua afiada eram muitas vezes sufocadas quando ousavam dizer a verdade àqueles que detinham o poder. Mas Sedigheh não se deixou desencorajar por semelhantes brutalidades. A sua revista foi a primeira fundada no Irão por uma mulher e a primeira publicada e difundida fora de Teerão. Depois desta revolução, em 1923, Sedigheh deixou a sua vida tumultuosa no Irão e foi viver para França, onde prosseguiu os estudos, em Paris. Conta-se que, aquando da sua passagem pela fronteira francesa, os guardas ficaram surpreendidos com o seu vestido moderno, os seus cabelos soltos e a sua atitude livre.

Um deles assinalou que, até então, as mulheres originárias do seu país chegavam discretamente. Aqueles guardas ignoravam claramente todo um lado da história.

Uma outra pioneira, também ela classificada na categoria «histórica», foi Zandokht Chirazi<sup>5</sup>. Nascida em 1909 em Xiraz, a terra dos grandes poetas e dos grandes vinhos, lançou uma revista a que chamou *Dokhtaran-e-Iran* («As Raparigas do Irão»). As pressões de uma tradição sufocante obrigaram-na a deixar a sua cidade natal. Instalou-se em Teerão, onde alugou um quarto, continuou a publicar a sua revista e a corresponder-se com muitos dos intelectuais mais influentes da época.

**F**orough Farrokhzad e, antes dela, Ghamar<sup>6</sup> foram duas combatentes intrépidas desta tradição asfixiante que é a misoginia. A meio dos anos 1920, para contentamento de todos e para desgosto do mulá, Ghamar, um ícone da música clássica persa, surgiu em palco sem véu pela primeira vez. Ainda hoje a sua voz inimitável, como a de Piaf, é uma assinatura e um monumento da época. Nos anos 1950, Forough, uma jovem poetisa de dezanove anos, admitiu amar os prazeres da carne: declamou «pequei», acrescentando, sem ironia, a que ponto aquele era um pecado agradável. Nos anos 1950, 1960 e 1970, novas gerações de escritoras, poetisas, pintoras, empreendedoras,

políticas e revolucionárias desafiaram a adversidade, derrubaram barreiras e fixaram novos objetivos. A poligamia, o prazer dos homens ávidos, foi praticamente ilegalizada. Algumas das desigualdades mais flagrantes no que toca às mulheres foram atenuadas, na prática ou pela lei. As mulheres eram livres de se vestir como queriam: um vestido simples, uma minissaia colorida ou um xador escuro. Tudo mudou quando o despotismo foi restabelecido depois da revolução de 1979. As primeiras leis revogadas foram as que concediam às mulheres os direitos tão arduamente conseguidos. O *hijab* torna-se obrigatório, as mulheres são «convidadas» a deixar o espaço público e a tornar-se mães procriadoras e esposas obedientes.



A idade legal para casar volta a ser nove anos, mas as descendentes de Roudabeh e de Anahita não pretendem tolerar semelhantes agressões. Começa um movimento de desobediência civil — composto por mulheres de todas as idades, de todas as gerações e de todas as condições económicas —, pagando cada uma delas um pesado tributo pela sua resistência. Mahsa Amini tornou-se o ícone deste combate permanente, e «Mulher, Vida, Liberdade», o grito de todas.

**A** proibição do vinho e do riso, da dança e dos concertos de mulheres não foram as únicas imposições exercidas sobre as mulheres. Durante quarenta e quatro anos, todas as altas esferas do poder foram ocupadas por cerca de dois mil e quinhentos homens — muitos deles de um pequeno número, quase no limite do incesto, de famílias clericais. As mulheres foram banidas de inúmeros desportos e, quando são autorizadas a praticá-los, devem fazê-lo com *hijab*. É-lhes proibido assistir a jogos de futebol. Em 2019, uma mulher, imortalizada desde então como *Blue Girl*<sup>7</sup>, ou «a rapariga azul», imolou-se como protesto contra este *apartheid* vergonhoso entre géneros. A FIFA — outra organização internacional dominada por homens e fortemente grata aos petrodólares — manteve-se praticamente em silêncio face a esta perfídia. O número de mulheres autorizadas a frequentar a universidade é limitado por uma quota, e muitas são as áreas de estudo que lhes permanecem interditas, porque não são consideradas

suficientemente «femininas». As mulheres não podem sair do país ou submeter-se a uma operação sem a autorização de um «homem», seja ele o pai, o irmão, o marido, etc. Em tribunal, a vida de uma mulher vale metade do que a de um homem, assim como o seu testemunho. E, no entanto, apesar de todas estas limitações vergonhosas, há mais mulheres do que homens com diplomas universitários, mais mulheres autoras e empreendedoras do que nunca, e um número deliciosamente desproporcionado de autoras de *bestsellers* no Irão e na diáspora. Uma jovem iraniana da diáspora, Maryam Mirzakhani, foi a primeira mulher a ganhar a Medalha Fields, o equivalente ao Prémio Nobel da Matemática, em 2014.

Com o advento do despotismo clerical, toda a sociedade, e não apenas as mulheres — com exceção das fanáticas —, foi obrigada a reconhecer o carácter arcaico dos clérigos e como o regime é contrário à alma do Irão. A poesia, a pintura e a história iranianas estão repletas de mulheres que cantam e dançam, de vinho servido e celebrado, e de música no ar. Recorde-se Shahrzâd<sup>8</sup>, a princesa persa, e as suas *Mil e Uma Noites*. Quando o regime as baniu a todas, cultivando um culto da melancolia, as mulheres tornaram-se as figuras de proa na luta contra essa abominação, tendo-se a elas unido os homens. A incompetência económica deste regime, a sua corrupção voraz, o seu nepotismo e o papel cada vez mais importante dos Guardiões da Revolução Islâmica<sup>9</sup>, a pilhagem dos cofres públicos para financiar guerras por procuração na região, a inflação e o desemprego a dois dígitos há mais de quarenta anos provocaram a fúria



de todas as classes de iranianos, com exceção dos que foram cúmplices da pilhagem. Esta diferença radical, combinada com a prudência e a perseverança das mulheres na sua luta, encorajou um certo número de homens a juntar-se à sua causa. Até mesmo os *radicais chiques*, que, durante anos, denegriram o movimento das mulheres e a luta contra o *hijab* obrigatório, qualificando-as de frívolas e pequeno-burguesas, compreendem agora que, se as mulheres não forem livres e iguais, a liberdade e a democracia não se podem enraizar numa sociedade. É por isso que quase 80 % da sociedade diz NÃO à autoproclamada «tutela» dos mulás. As histórias de Anahita e Roudabeh,

e as de Forough e Mahsa, são pequenos faróis na noite do despotismo e da misoginia. Mas, se conhecermos a História, já não é um pesadelo que nos assombra: podemos ver que os caminhos convergem para dizer «Mulher, Vida, Liberdade», e nos conduzem para novos amanhã.

- 1 — Também conhecido sob o título *Liure des Rois*.
- 2 — Também conhecida como Fatimih e Ghorat-ol-Eyn.
- 3 — De seu nome verdadeiro Zahra Khanom.
- 4 — Comandante de uma armada.
- 5 — De seu nome verdadeiro Fakhr Al-Molouk Zandpour.
- 6 — De seu nome verdadeiro Ghamar-ol-Molouk Vaziri.
- 7 — De seu nome verdadeiro Sahar Khodayari.
- 8 — Mais conhecida como Xerazade, um afrancesamento do nome.
- 9 — Sepah-e Pasdaran, em persa.

1.



## OS EVENTOS

O homicídio de Mahsa Amini deu origem à primeira revolução feminista da História apoiada pelos homens. Irá ver os vários episódios-chave do movimento «Mulher, Vida, Liberdade», que juntou pessoas dentro e fora do Irão, e as muitas formas de mobilização de homens e mulheres iranianos, por vezes à custa das próprias vidas.

# A CENTELHA DA REVOLTA

Bahareh Akrami & Farid Vahid





# MAHSA JINÂ AMINI

Em persa: مهسا امینی

**MAHSA JINÂ AMINI** nasceu em 2000, em Saqqez, na província do Curdistão, situada no nordeste do Irão. A cidade de Saqqez é uma das mais antigas do Irão e da região, com um património arqueológico e cultural muito rico. Enquanto se encontrava em Teerão, com o irmão, para visitar familiares, **MAHSA** foi detida pela polícia dos costumes no final da tarde de 13 de setembro, nas imediações da estação de metro Shahid Haghani (no centro/norte da capital iraniana).



Humm... Não quero estragar o momento nem me fazer de «gheibat» («ser espírito de contradição» em persa), mas Teerão não é a cidade mais bonita do Irão.

Confesso... não é a mais bonita (\*), mas, segundo os seus habitantes, aprendemos a apreciá-la com o tempo... Em todo o caso, **MAHSA** queria visitar a capital, que não conhecia ☹



(\* ) Até porque a mais bonita todos sabemos que é ~~Chiraz~~ Ispahan!



Mas o que é a polícia dos costumes?

Na República Islâmica, há uma «polícia» que verifica se a tua roupa ou o teu «comportamento» estão em conformidade com os preceitos impostos pelo regime islâmico.



Esta «polícia» visa acima de tudo as mulheres:

Madeixas que não estejam tapadas por um véu ➡ PROIBIDO ❌

Sapatos demasiado abertos ➡ PROIBIDO ❌

Casais que não estão casados de mãos dadas ➡ PROIBIDO ❌

Etc., etc., a lista é interminável...

OK, já percebi: basicamente, o TRABALHO deles é dizer-te tudo aquilo que NÃO podes fazer...

Sim... Só que, quando a «polícia» te prende, leva-te para a carrinha e, no melhor dos casos, és insultado e os teus familiares vão-te buscar à esquadra... No pior dos casos, pode haver chicotadas, prisão... Até a morte...



**MAHSA JINÂ AMINI**, por causa de um véu, que achavam estar mal posto, foi levada à esquadra e espancada, nomeadamente na cabeça...



YÂ ROUSSARI  
YÂ TOUSSARI (\*)  
(\*) Tapa esse cabelo  
ou levas!!



Sim, porque convém saber que a «técnica» destes **CABRÕES** de **MERDA** consiste em bater nas mulheres no sitio onde, segundo eles, pecaram...



Olha, tens a certeza de que deves escrever palavras logo na segunda prancha?!

# MAHSA JINÂ AMINI

foi atingida na cabeça  
com tanta força  
que entrou em coma...

Morreu três dias depois (٥٥)



A Polícia da República Islâmica declarou que **MAHSA** tinha morrido na sequência de uma «paragem cardíaca». Os meios de comunicação social pró-regime afirmaram que a jovem tinha problemas de saúde desde a infância...

Porém, a narrativa do regime foi rapidamente posta em causa pela família de **MAHSA** e por numerosas testemunhas, incluindo os médicos do hospital.

O pai de **MAHSA** afirmou:

«A minha filha não tinha problemas de saúde, eles destruíram a minha filha. Conto-o a toda a gente. Eles têm de ser responsabilizados.»

A mãe acrescentou: «Mataram o meu anjo.»

A notícia da morte de **MAHSA** espalhou-se pelo país através das redes sociais, utilizando o hashtag #MahsaAmini (em persa #مهسا امینی), mas também graças à jornalista **NILOOFAR HAMEDİ**, que fez um tweet de uma fotografia da avó e do pai de **MAHSA** a chorar no hospital. **NILOOFAR** foi presa a 21 de setembro de 2022.

Nasceu o movimento de protesto!



Sobre a campa estava escrito:  
«Cara Jinâ, não morrerás,  
o teu nome será  
uma palavra de ordem.»



As iranianas e os iranianos saíram espontaneamente para as ruas da capital e de outras cidades a fim de exprimirem a sua indignação.

Em Teerão, na noite da morte de **MAHSA JINÂ AMINI**, perto do hospital de Kasra e nos arredores, muitas pessoas buzinaaram em protesto contra este crime.

Nos telhados, ao cair da noite, as pessoas gritavam:

«MORTE AO DITADOR!»



No dia seguinte, a 17 de setembro de 2022, aquando do funeral de **MAHSA** em Saqqez (Curdistão), a sua cidade natal, realizou-se uma manifestação. As mulheres tiraram os véus e gritaram:

«Morte ao ditador!»



No mesmo dia, em Sanandaj, capital da província da Curdistão, preparavam-se concentrações.

As mulheres organizaram uma manifestação no centro da cidade e recusaram-se a sair, apesar dos confrontos com a Polícia... Noutros locais da cidade, outros marcharam à frente das manifestações e gritaram:

«MORTE AO DITADOR!»



No dia seguinte, 18 de setembro de 2022, foram organizadas novas manifestações em Sanandaj, onde várias mulheres retiraram o véu em sinal de protesto. Em Teerão, estudantes desfilaram com cartazes com a imagem de **MAHSA** e gritaram «**MULHER, VIDA, LIBERDADE**», inspirados no slogan feminista curdo «Jim, Jîyan, Azadi».



Nos dias que se seguiram, realizaram-se manifestações contra o regime em mais de metade das trinta e uma províncias do Irão, apesar da **repressão sangrenta** (disparos de munições reais contra os manifestantes + prisões + torturas + violações + execuções ☹️).

Esta raiva é sobretudo a das **MULHERES** que tiram e queimam os véus em protesto contra este regime de apartheid sexual. Os **HOMENS** também estão a demonstrar uma grande solidariedade.



Não é possível sequer imaginar a coragem que isto representa. É preciso estar mais do que determinado para o fazer!

Elas são **HEROÍNAS**.

Sinto muito mais do que admiração, tão **PODEROSO** é o gesto delas!



Mas porque é que **SÓ** estás a falar do véu??

Ora então... o véu **É** o **ADN** deste regime desde o início!!! É o seu padrão, a sua bússola, o seu estandarte, o seu GPS, o seu Muro de Berlim...

Pois, está bem, já percebi, miúda... Não precisas de enumerar todos os sinónimos...



Em suma, é o instrumento essencial do projeto ideológico!  
Tirando o véu, as iranianas estão a contestar o supremo patriarcado.

Nem por isso, não és só tu... É todo o **ESTADO**, na República Islâmica!!!!



Portanto, não é apenas o véu que está em causa, mas a questão dos **DIREITOS FUNDAMENTAIS** de **TODOS!!!**



O tipo que quer controlar o teu corpo, a tua vida, também quer controlar o que pensas e o que não pensas. É por isso que não se trata apenas do véu... É uma luta pela liberdade de expressão e pelos direitos humanos, ponto final!!!

Mas, fora isso, ainda tenho uma pergunta... Pus os óculos para parecer inteligente... hem?! Porque é que elas estão a queimar os véus? O que é que se passa com vocês, iranianos, para quererem **QUEIMAR** tudo? Dantes era a bandeira dos EUA, agora é o véu e a fotografia de Khamenei???



Para já, isso das bandeiras americanas, eram só alguns fanáticos acéfalos que o faziam... E, claro, criou-se um burburinho... De qualquer forma, é verdade, nós **GOSTAMOS** muito de fogo porque é um elemento central da nossa cultura!!

Na cultura iraniana, há festas tradicionais zoroastrianas que remontam à antiguidade

**PERSA** e que celebram o **FOGO** 🔥. Estas festas nunca deixaram de ser celebradas, apesar da instauração da República Islâmica...

O festival de Sadeh celebra o aparecimento do fogo e a derrota das forças das trevas, do gelo e do frio. Chaharshanbeh Suri celebra a esperança de iluminação e de felicidade radiante para o ano seguinte.

Na literatura persa, o fogo é utilizado para expressar os sentimentos verdadeiros e profundos. A luz do fogo não brilha apenas nas trevas, torna-se mesmo um símbolo de luz contra a ignorância...

A ignorância = a República Islâmica **vs** a Luz = a povo iraniana que **VENCERÁ**



Vocês são realmente um povo de poetas.

# O NASCIMENTO DE UM *SLOGAN*

Catel & Jean-Pierre Perrin



**MULHER  
VIDA  
LIBERDADE**





«MULHER, VIDA, LIBERDADE», um slogan adotado pela multidão iraniana em 2022, desperta a atenção e mobiliza os contestatários.



Vinte anos antes, este slogan já tinha sido ouvido na Turquia por um partido curdo da oposição, o PPK [Partido dos Trabalhadores do Curdistão].



Dez anos mais tarde, encontramos-o em Rojava [uma região curda no norte da Síria, na fronteira com a Turquia], onde as mulheres estão todas a lutar.



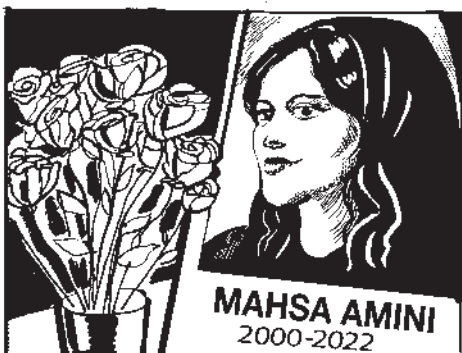
Laboratório de democracia direta, este território estabelece o princípio da igualdade, independentemente da raça, da religião ou do sexo.



Em Rojava, as milícias de mulheres estão na linha da frente, lutando contra o inimigo — o Estado Islâmico — que as quer exterminar.



Estes batalhões de autodefesa das mulheres, os YPJ, popularizaram o seu grito de guerra: «JIN JIYAN AZADI.»



Em setembro de 2022, este slogan foi repetido no funeral da jovem Mahsa Amini, em Saqqez.



As mulheres indignadas com a sua morte, ocorrida após a detenção pela polícia dos costumes de Teerão, prestaram-lhe homenagem retirando os lenços da cabeça.



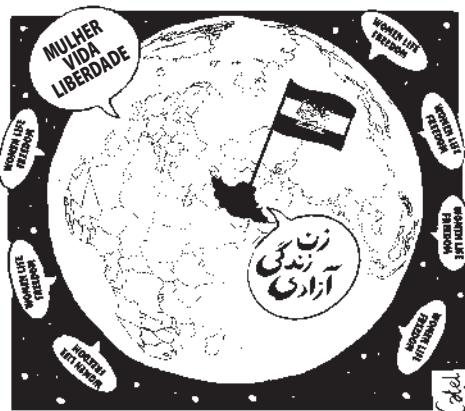
O funeral transformou-se numa manifestação contra o regime: milhares de pessoas anónimas desafiaram as medidas de segurança para se expressarem.



Cenas semelhantes tem lugar em Sanandaj e Teerão... Mahsa Amini torna-se o símbolo da revolta.



A onda de manifestações continua e, apesar da repressão feroz, o slogan espalha-se como fogo em todo o Irão.



Atualmente, é proferido e traduzido em todo o mundo: a revolução das mulheres iranianas está em curso.

JOANN SFAR · COCO · MANA NEYESTANI  
CATEL · PASCAL RABATÉ · PATRICIA BOLAÑOS  
PACO ROCA · BAHAREH AKRAMI · HIPPOLYTE  
SHABNAM ADIBAN · LEWIS TRONDHEIM · DELOUPY  
TOUKA NEYESTANI · BEE · WINSHLUSS  
NICOLAS WILD · HAMOUN

# MULHER VIDA LIBERDADE

## TER VINTE ANOS NO IRÃO E MORRER PELOS DIREITOS DAS MULHERES

A 16 DE SETEMBRO DE 2022, MAHSA AMINI FOI ESPANCADA PELA POLÍCIA DOS COSTUMES NO IRÃO POR NÃO ESTAR A USAR «CORRETAMENTE» O VÉU E NÃO RESISTIU AOS FERIMENTOS. A SUA MORTE LEVANTOU UMA ONDA DE PROTESTOS EM TODO O PAÍS, TRANSFORMANDO-SE NUM MOVIMENTO FEMINISTA SEM PRECEDENTES.

A ARTISTA MARJANE SATRAPI REUNIU TRÊS ESPECIALISTAS — FARID VAHID (POLITÓLOGO), JEAN-PIERRE PERRIN (JORNALISTA), ABBAS MILANI (HISTORIADOR) — E DEZESSETE DOS MAIORES TALENTOS DA BANDA DESENHADA PARA DAR A CONHECER UM MOVIMENTO DE ENORME IMPORTÂNCIA PARA O IRÃO E PARA TODO O MUNDO.



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[www.penguinlivros.pt](http://www.penguinlivros.pt)

    penguinlivros

ISBN 9789897872594



9 789897 872594 >